

MARIA RITA



SEMANARIO

HYMORITICO

Associação Literária de

ARNALDO LEITE
CARVALHO BARBOZA
JOSÉ DE ARTIMANHA

Director Artístico e Secretário da Redacção

OCTÁVIO SÉRGIO

OCTAVIO
SERGIO



A REVOLUÇÃO BRASILEIRA A NOVA PADEIRA DE ALJUBARROTA



Dizem os jornais que a cidadã brasileira D. Benedicta Cipriana organizou uma coluna para combater os revoltosos. Com tão lindos olhos é, realmente, de dar na fraqueza...

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.^{da}

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

Colecção PARA TODOS

A melhor serie de romances, dos mais interessantes
autores estrangeiros, de Aventuras de Amor, Poli-
ciais e Históricos, Literatura são



Preço de cada volume em todas as Livrarias

BROCH. 12\$50 — ENC. 17\$50

Rafael Sabatini

(o Dumas moderno)

Scaramouche fazedor de Reis
O Capitão Blood
A Volta do Capitão Blood
O Gavião do Mar
O Príncipe Romântico
O Grande Amor

Baronesa Orczy

O Pimpinela Escarlata
A Vitória do Pimpinela Escarlata
Novas aventuras do Pimpinela Es-
carlate
Sir Percy
Eu me vingarei
O Tirano
Eldorado
Rosamaria

Edgar Wallace

O Milhão Perdido
O Gabinete n.º 13
O Vingador
O Comandante de almas
O Apartamento n.º 2

Um Perfil na Sombra
O Leão da Bólsa
A Serpente de Plumas

E. M. Hull

O Filho do Sheik
O Sheik

Elynor Glin

Macho e Fêmea

P. C. Wren

Beau Geste
Beau Sabreur

E. Barrington

A Divina Dama

Conan Doyle

A Cidade Submaria
A Caixa Sinistra

Jak London

Aventureira

LUÍS EDMUNDO

O RIO DE JANEIRO NO TEMPO DOS VICE-REIS

Cvriosa reportagem histórica, reconstrução da vida social brasileira durante o vice-reinado do Brasil no Rio de Janeiro, 1763-1808.

Um grosso volume com mais de 500 páginas, grande formato e cerca de 300 ilustrações, na maioria originais dos pintores brasileiros Wash Rodrigues, Henrique Cavaleiro, Marques Júnior, Carlos e Rodolfo Chambeland. Reconstituições feitas através documentos históricos. **Hors-Textes** reproduzindo estampas do tempo, telas, bem como outros aspectos da Arte portuguesa no Brasil Colonial. Luxuosa impressão

Assuntos do livro: A cidade colonial. A gente Ruas, praças vielas e alfurjas. Lojas. Mercadores e seus caixeiros. Ambulantes. Mendigos. Escravos. Procissões. Igrejas. Sentimento religioso da massa. Padres. Frades

Um volume brochado pesando 1:600 gramas 75\$00
Irmãos da opa. Nosso Pai. A casa e sua arquitectura. A morada por dentro. Mobiliário. Criados. Cosinha e mesa. Donos e donas de casa. Nascimento, infância, adolescência e educação de sinhasinha. Namoro e casamento. As cortezias e obrigações na sociedade. A moda. Os elegantes do tempo. Médicos.

Cirurgiões. Barbeiros. Parteiros. Dentistas. Algebristas. Sangradores. Feiticeiros. Santos curadores. Festas populares. Alegorias. Carvalhadas. Touradas. Congadas. Serração da Velha. As folias do Divino. Outras diversões populares. Teatro. Actores. Espectadores. Plateias. Peças. Teatrinhos de bonecos. Justiça. Juizes. Causas. Advogados. Pelourinhos e força.

Direito de Família dos Soviets

Por **VICENTE RÃO**

Contendo o código das leis de casamento, da família e da tutela, traduzido e comentado. 2.ª edição, à venda em todas as Livrarias.

PREÇO: 20\$00

PEDIDOS À

Livraria Avelar Machado

Rua Poço dos Negros, 19-21 — LISBOA

LIVRARIA AVELAR MACHADO Rua Poço dos Negros, 21 — LISBOA

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO Rua do Almada, 107-2.º — PORTO

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS



Factos e prestações

Crónica anacrónica

A actual revolução do Brasil trouxe à tona da publicidade duas figuras que não deperduram na história com o brilho imperecível de Leônidas, o das Termópilas, ou de Teresa Madeira, a heroína de Diu.

Quero referir-me a sr.^a D. Benedicta Cipriana, que pelo chamadoiro não perca, mais ao sr. general Borges de Medeiros. Desconhecidos ambos, ainda há pouco, fora do seu país, já os nomes dos dois transpuseram o Atlântico, e, levados no avião da Glória, fazem o giro da imprensa mundial.

D. Benedicta Cipriana era, há poucos meses, uma dama como outra qualquer, de copas ou de paus. Súbitamente, não lhe permitindo o ânimo que o actual governo sofresse a menor restrição no exercício do poder, ei-la arvorada em dama de espadas, comandante de não sei quantos batalhões de voluntários dispostos a dar a vida pelo ministério federal. Crismaram-na, por isso, com a antonomásia de *Joana de Arc Brasileira*.

Estará certa a alcunha? Não estará? Ignoro-o. Afigura-se-me, porém, que, para que uma mulher possa arrogar-se o nome da santa gaulesa, tão cruelmente ridiculizada por Voltaire há cento e cinquenta anos, e modernamente por Bernard Shaw, se tornam necessárias e imprescindíveis duas condições: a primeira, ser virgem; a segunda, ser mártir. Tem acaso os panegiristas de D. Benedicta a certeza de uma virgindade autêntica no passado e no presente, e de um martírio espectacular — fogueira ou fusilamento — no futuro?

Demos de barato que assim seja e que a destemida caudilha federal se encontra no estado que tanto costumava affligir as solteironas... do século dezanove. A primeira ilacção a tirar deste facto é que, para ela, já principiou o martírio. D. Cipriana é mulher, vive num clima tropical, tem porventura hemácias de crioulo a circular-lhe nas veias, e comanda, segundo um telegrama da United Press, *numerosos batalhões de voluntários*. Além disso — é ainda a mesma Agência que o afirma — pôs-se já em contacto com as tropas de Minas Gerais. E esta convivência, e este contacto, além de poderem ser altamente perniciosos, devem constituir um suplicio para a mulher que tão briosamente armou em Mascotte do sr. Getúlio Vargas.

Briosamente, é o termo. Porque D. Benedicta — a darmos crédito aos jornais fluminenses — é valente como um mosqueiteiro de *monsieur Tréville*. Tão valente que — assevera a *Gazeta de Notícias* — é necessário refrear-lhe a todo o momento o ardor belicoso. E eu estou a ver, de aqui em diante, os boletins emanados do seu exército:

De tal parte, tantos de tal — «D. Benedicta Cipriana pôs-se em contacto com o general P... O inimigo prepara-se para atacar.»

De aí a oito dias — «O inimigo hesita. Não se travou ainda batalha nenhuma.»

Vinte-e-quatro horas mais tarde — «Ao romper do dia, transferimos as nossas posições para perto do túnel da Mantiqueira. A' noite, o general P... atacou, para se apoderar do túnel, mas D. Benedicta efectuou uma retirada estratégica.»

No dia seguinte — «P... confessou

a um jornalista uruguaio que os movimentos de D. Benedicta o desconcertam. Afirma o jornal de Montevidéu que o mencionado general, ao conceder-lhe a entrevista, se encontrava muito cabibaixo. Os voluntários da Benedicta saúdam os da Invicta, ou de outra qualquer senhora cujo nome rime com o do nosso comandante.»

E toda a gente se convencerá, ao ler estas notícias, de que D. Benedicta é a mais valente das mulheres.

E até dos homens, se exceptuarmos o general Borges de Medeiros.

Com efeito, este cabo de guerra fez a singular declaração — que a imprensa igualmente nos transmitiu — de que nem a prisão, nem a morte, o impedirão de persistir na luta.

Não se percebe bem como, cativo no *xelindró*, o distinto militar poderá continuar lutando... a não ser com os parasitas, freqüentadores habituais de esses lugares. Menos se compreende ainda como lhe será permitido fazê-lo se uma bala adversa — o que Deus não permita — o transformar em cadáver. E' verdade que há perto de quatorze anos, em Verdun, um general francês gritou: — «*Mortos! Em pé!*» Mas existem fundadas razões para supormos que os mortos não corresponderam à gentileza do convite.

Parece, todavia, que o sr. Borges de Medeiros se propõe suplantar os defensores de Verdun, continuando a combater quando já harpoado pela rigidez cadavérica. E há-de ser coisa de muita admiração vê-lo, de pálpebras caídas e queixos amarrados, entre o clarão dos círios e o lamento das carpideiras, de espada desembainhada, à frente das tropas, — comandando uma carga de cavalaria.

Será épico, nunca visto, — mas macabro, altamente fantástico. E uma vez feita a paz, o sr. Borges de Medeiros poderá recolher-se definitivamente, não ao túmulo, mas a um conto de Poë ou de Hoffmann.

Marcial JORDÃO.

Segredos em série



— *Meu marido sabe tudo a respeito do Marques... O meu medo, como êle é muito linguareiro, é que isso vá aos ouvidos do Paulo.*

— *Ai, filha! E olha que se o Paulo sabe, o Pedro não tardará em desconfiar...*



Rés-do-chão

Balancete da semana

Quando chove com sol,
dizem que as bruxas vão, em ar de festa,
alindando a melena, enquanto a prole,
tranqüila, dorme a sesta.

Assim aconteceu
durante esta semana. Lá do Céu
a chuva desabava,
e os misérrimos ossos dos peões
inexoravelmente demolhava...
O tropical calor continuava
a espremer-nos, porém, como limões...

.....
Chuva e sol! Que decreto extravagante
de madame Divina Providência!

.....
E a nossa gabardine, neste instante,
dorme, no "prego", o sono da inocência...

*

* *

A Semana da Foz,
com o tempo adorável que se pôs,
um encanto tem sido!
O excelso deus Cupido,
— que todos os momentos aproveita
para fazer das suas
nos corações que prèviamente espreita, —
com a aljava a pingar, as pernas nuas,
setas enferrujadas.

e disparando espirros, — diz-nos, triste:

"— Desde que a terra existe,
"abomino as nortadas..."

"Dão-me cabo dos ossos, que diacho!
"E, na Foz, se entre machos e beldades,
"mostrar quiser minhas habilidades,
"vai-me uma asa abaixo,
"que a cola não resiste às humidades!"

.....
O' chuva deshumana!
Trovões de rude cólera e tristeza!

.....
Transfiram a Semana!
Cupido espera: Tenham a certeza...

*

* *

Silêncio sepulcral
p'los cinemas tripeiros!
"Fechados para obras." — E, afinal,
foi p'ra lavar a cara dos porteiros
e frisar o bigode do fiscal...

*

* *

Agora muito a sério:
Já há meias-mistério,
e aos milhões são vendidas
pois de contente o povo em si não cabe!
...Dizem-nos que são meias já servidas.
O que teem dentro... tóda a gente sabe...

MARIARITICES

Pousa aqui... pousa ali...

COISAS DA BANDA DI LÁ

O Brasil continua em armas. E ninguém nos tira da cabeça que, quem arma uma zaragata daquelas, é porque se quer *armar*.

Mas, afinal, quem tem obtido vantagens?

Pelos telegramas de Montevidéu, os rebeldes teem derrotado as tropas fiéis. Ao contrário, as notícias vindas do Rio dão sempre vitórias para os federais. Aquilo é que é uma guerra, pai do Céu!

Tiros p'ra burro! Qui fórróbóá disgraçado, mia nossa siôra!

Uma guerra atestada

Temos na nossa frente um jornal da Baía, que nos dá três páginas atestadas da escaramuça brasileira. Na primeira, em *en-tête* de destacado normando, lê-se: "A grande guerra!" E logo a seguir: — "Notícias do *front*!"

Estão todos contentes, os brasileiros. Uma guerrazinha tóda bem arranjada, com tiros naturais e mortos a valer, isto tudo sem ser preciso o refôrço dos estranhos!

Não foi como a outra grande guerra, em que entraram ingleses, americanos, franceses, belgas, italianos, portugueses... e brasileiros que ficaram no Rio de Janeiro a ler os telegramas da última hora. Uma guerra, assim em família, até dá gôsto! Bravo, seu Getúlio, e seja federal até ao fim!

Quanta mais federência, melhor!...

Mantiqueira e Amparo

Os homens do govêrno já tornaram a tomar a Mantiqueira!

Esta Mantiqueira é levadinha da breca! Passa dos revoltosos para os federais com a mesma facilidade com que o govêrno brasileiro deixa de pagar os juros. Mantiqueira? Não haverá engano? Quer-nos parecer que deve ser Mantiqueira. E uma revolução que mete manteiga, vem a acabar em torrada!

A cidade do Amparo também anda a fazer fosquinhas.

Um dia pertence aos constitucionais; outro dia aos revoltosos; depois não pertence nem a uns nem a outros, fica neutra. A senhora do Amparo os ampare e não desampare os portugueses... que tem sido o amparo dos brasileiros.

O Bode expiatório

Mais uma vez, preguntamos: — Quem vence? São os constitucionais ou são os governamentais? Vença quem vencer, uma coisa é certa e garantida: — Portugal pagar as despesas! Aquilo é uma feijoada paga à nossa custa. Cada tiro a mais é um coupon a menos.

E viva, seu Getúlio!

Contos humorísticos

O Evaristo

Desde pequeno que o Evaristo mostrou uma inclinação para os estudos.

Seus pais, atendendo àquela vocação caprichosa e insolente, obrigaram o Evaristo a tirar a instrução primária e mandaram o rapaz para Lisboa, para casa duns primos em segunda mão, que moravam no Limoeiro.

Evaristo, como é naturalíssimo, foi crescendo e aprendendo, chegando a matricular-se num curso bastante superior de Agronomia.

Desistiu, porém, ao fim de dois anos lectivos, por não concordar com certas teorias de Lineu, e entre elas a da denominação da batata como raiz tuberculosa.

Agarrou-se à Química, mas em breve desistia também. Na Química só havia reacções, e ele, com ideias avançadas, não via a reacção com bons olhos.

Meteu-se pela Física, mas aí teve outra decepção. Não concordava com as chamadas «correntes atmosféricas». Correntes, para ele, só existiam as «correntes de relógio de bolso».

Tentou-o a Matemática, mas não se contentou. Era uma ciência aleijada, onde só se viam «quebrados».

Optou pela Medicina, que abandonou pouco depois, ao reconhecer que havia uma penitenciária em Lisboa e outra em Coimbra.

Foi para Letras, mas como fôsse contrário às vírgulas e à retirada do Y para Atenas, pôs ponto final na sua carreira e fêz-se tipógrafo.

Era uma profissão que, compondo o que os outros escreviam, não lhe trazia a responsabilidade, muitas vezes ingrata, de ser ele o autor.

Conseguiu uma colocação num grande jornal, e aí começou por ganhar os primeiros cobres, que quasi sempre lhe eram pagos em prata.

Compôs as secções mundanas e de teatro, onde metia também a sua colherada.

Com que prazer compunha uma crítica de revista, daquelas de que nem se salva o ponto!

Depois transitou pelas secções de grafologia, boletim do dia e página desportiva.

Mais tarde entregaram-lhe os «Casos da rua». Aí, o seu prazer era completo, ao compôr as descomposturas que tinham por epílogo o Torel, e os acidentes que inutilizavam por alguns dias os seus inimigos e crédores.

Mas, ultimamente, quando o enviaram para os «anúncios», o Evaristo ficou bastante contrariado.

Sentia-se amesquinhado numa secção para onde toda a gente escrevia, desde a «criada que se oferece» à «senhora que se precisa».

Planeou uma vingança no seu cérebro linfático. A vingança é o prazer de certos Evaristos. E um dia — que, por sinal, foi de madrugada — pôs em prática o seu plano.

Horas depois do jornal ter saído era uma «bicha» de reclamações na redacção. A secção de anúncios vinha toda truncada. Começava assim:

Criada

Em estado de nova, com o curso comercial, aluga-se a quem provar pertencer-lhe.

Automóvel

Chegado da Província, pede empréstimo a cavalheiro de respeito. Não se importa de ir para fora.

Casamento

Todo o conforto moderno, oferece-se mulher a dias.

Chalé

Para todo o serviço. Em nogueira, estilo Luis XV. Trata-se com o próprio.

Marçano

Com jardim, água e luz. Desejam-no algumas senhoras e meninas. Pedem-se e dão-se alvícaras.

Mobilia

Para mercearia, que saiba escrever à máquina. Muito perto da estação do caminho de ferro.

Senhora

«A' jour». Vende-se, por motivo de retirada. Dá pelo nome de Bibi.

Cadela de estimação

Nas Avenidas Novas, com ou sem pensão. Não faz questão de ordenado.

Quarto

Aberto, seis lugares. Muito honesto. Também vai a casa dos clientes.

V. Ex.^{as} estão a ver o que seria o resto... E agora, o Evaristo, para se distrair... encontra-se desempregado.

José ROSADO.

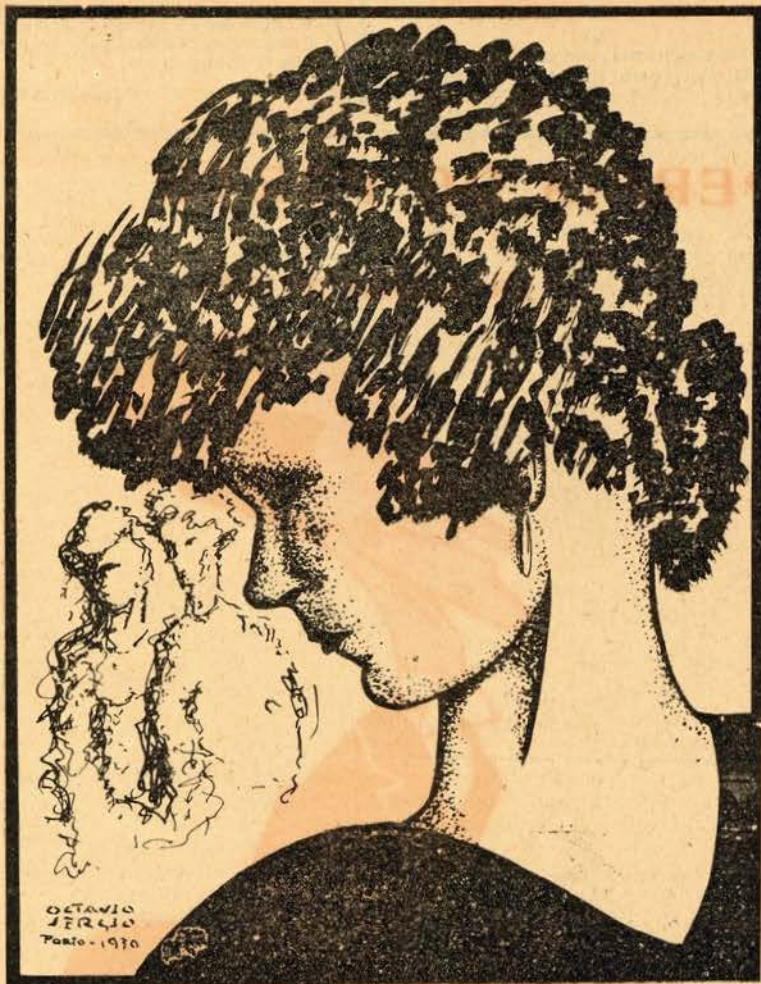
PERFIS DO PORTO

XXI

DR. ADEMAR DE MELO



Não é propriamente um perfil do Porto, mas aqui viveu e aqui tem muitos amigos... de Peniche.



O amor é a saúde de nós próprios. Um sonho alto que desperta na bruta realidade do aborrecimento a dois.

Em férias

Ninguém diga que está bem

Depois de uma soneca, após o almoço,
Dormida no pinhal, entre o sargaço,
Pus-me a filosofar, olhando o espaço:
— Quanta grandeza encerra este colosso!...

Nisto senti, de perto, um alvoroço,
E uma voz irritada: «isso não faço»...
Uma giesta mexeu-se, vejo um braço...
E um cajado a emergir-se, muito grosso!

Arrebitei a orelha, pus-me à escuta,
Mas de tal modo eu vi acesa a luta,
Que me raspei de gatas, pelo mato!

E antes que me fizessem repetir
O que a irritada voz me fez ouvir,
Fui pondo o meu corpinho a bom recato!

ALBANUS.

IMPRENSA

«O ALDRABÃO» — Recebemos o primeiro número deste jornal humorístico que iniciou em Lisboa a sua publicação.

«Aldrabão» a-pesar-de tudo, é homem. E a MARIA RITA, como mulher que se preza, tôda se regalou na sua contemplação, que é como quem diz, na sua leitura.

Muitos anos, muito bons e nós que os contemos.

O COMÉRCIO DE GAIA — Também recebemos a visita deste *gatato* semanário. Agradecemos, vamos retribuir e não perdoaremos o comentário quando o mereça.

DESPORTINE — Outro semanário que inicia e vai dedicar-se ao Desporto, ao teatro, às letras e ao cinema. Publica-se em Luanda, e a sua apresentação é qualquer coisa que honra as nossas colónias. Vamos permutar com todo o gôsto.



MARMELEIRO

O marmeleiro é uma planta que costuma vegetar entre outras plantas da criação: são as plantas das mãos de quem o usa.

Em Portugal dá-se muito bem. Dá-se à beira-mar, nas montanhas, e dá-se sobretudo nas costas dos parceiros.

Estende-se em tôdas as províncias e nos lombos aptos a recebê-lo.

O marmeleiro é empregado gramaticalmente como argumento de força e vegetalmente dá um fruto exquisito que ninguém come senão com açúcar em ponto.

A uma sova de marmeleiro chama-se marmelada; e quando tem nós, deixa as costas dos outros como uma flauta cheia de buraquinhos.

Os marmelos são uns frutos exquisitos que os homens desprezam e que as mulheres trazem no seio. Mas há marmelos de marmelos...

Cartas a tinta preta

(IMPRESSÕES DE ÁFRICA)

Tia MARIA RITA:

Sempre bela?
Não se alterou a... constituição
Dêsse corpo, notável criação
Que o Octávio, a pincel, criou na tela?

Por hoje tenho a dar-te novidade
De arripiar a tua alma sensível:
O caso é pouco lógico, é incrível,
Mas... — é nosso! Aqui tens a «habilidade»:

O Colono é uma raça separada,
Distinta das mais raças do Universo...
E assim, quando o fadinho é manivora,
Nada vale a essa espécie malfadada.

Frases feitas: o santo patriotismo
Dos colonos... a abnegação dos ditos;
O sacrifício dêles, supraditos;
O caos... a hora que passa... o abismo...

E quando a um pobre e mísero colono
Morde na rua generoso cão
— Cão raivoso, danado à perfeição!, —
Rebenta, ao abandono,
Se não tiver a soma requerida,
— Os sonantes patacos necessários
Que exigem os serviços sanitários
P'ra um resgate de vida!

E dá-se isto no século da Luz!
— E por prontas medidas desmedidas
Irá, por três ou quatro horas seguidas,
Uma carroça arrebANHAR lulus.

Isto p'ros câis, e para os coloniais,
Abnegados, patriotas, amiguinhos,
— Mais uns aumentozinhos
Nas contribuições industriais...
Mais cinqüenta por cento p'rá receita,
Que é quanto of'rece cada cidadão
P'ra poder ser mordido por um cão
Co'uma raiva perfeita,

Mas estou a maçar-te... eu adivinho,
Que queres? Deu-se um caso assim agora!
Depois de muito rir também se chora...
— Supõe que a gente riu...

Teu

Migue-LINHO.

DESCANSO SEMANAL

Suplemento da MARIA RITA

dedicado exclusivamente aos jornais por mais
-:-:-:- hebdomadários que pareçam -:-:-:-:-

Tem hoje o lugar de honra o nosso amigo

"Jornal de Notícias"

de quarta-feira da semana finda. Na sua correspondência de Espinho diz o seguinte referindo-se a um

Concurso hípico infantil

Estas diversões infantis são sempre belas, porque, tudo que é infantil tem graça, esta graça natural dum flor que desabrocha cheia de perfumes e vida, que é muitas vezes e, é no geral alegria dum lar!

E' claro que uma criança em cima de um pau tem a graça natural de uma flor que desabrocha cheia de perfumes e vida...

E quando bate com os mimosos pés no sobrado e faz tremer os prateleiros é a alegria de um lar...

Continuemos a ler a prosa do sr. César Raio. (E' esta a graça do correspondente mimoso:)

Cerca das 5 horas da tarde deu-se principio ao concurso com a apresentação de todas as meninas e meninos inscritos, os quais depois seguiram para o fundo da pista, lado sul, onde cada um tomou conta do seu cavallo (um pau redondo com a cabeça em madeira de cavallo, branco, preto, cinzento e castanho) e uma vez montados nesse pau inofensivo de cavalinhos de madeira, vieram cumprimentar a assistentia, que lhes fez uma calorosa ovação. Depois deu-se principio ao concurso, sendo os cavaleiros 36 e as amazonas 14.

Onde diabo iria este Raio descobrir a madeira de cavallo?!... Será o castanho?... Talvez seja por causa do fruto...

Como se vê desta correspondência, lá para aqueles lados de Espinho há a mania das corridas de cavalos; mas esta teve muito mais inscrições do que as de Miramar...

Esta é do

"Diário de Notícias"

Senhora

Livre, de 35 anos, tendo de ir ao Porto, pede a cavalheiro de meios a ajude na passagem, indo na sua companhia. Carta ao Rossio 42, ao n.º 433.

Coitadinha da senhora livre! Secalhar, tinha medinho. E' tão perigosa uma via-

gem de Lisboa ao Pôrto, sòzinha!... O que nós não percebemos é o final do anúncio... Pelo visto, a senhora dirige-se ao sr. general Vasconcelos Pôrto; só assim se compreenderá que possa ir na sua companhia. Seria mais uma viagem Mistério na C. P.

E como não podia deixar de ser, caímos no afamadíssimo

"Ecos de Cacia"

Ora vamos lá a uma descrição da ria de Aveiro, da autoria do mesmo senhor Costa Pinto que focamos no último número, e que é ainda, e será sempre graças a Deus, o redactor principal d'esses Ecos, que chamam por tôda a gente e a que só nós respondemos. Começa assim:

— Que linda manhã!...

Despertava longidamente os primeiros beijos de Sol, que começavam a fronjar de oiro aquela extensa e deliciosa paisagem.

Que lindo! Os beijos do sol a despertar longidamente e a fronjar de oiro a paisagem!

Não admira, porquanto:

A bordo reina grande entusiasmo. O tempo corre incompreensivelmente.

A maré vaza ainda ajudando a deslizar o barco por entre os canais daquelas aguas de sonho!...

Nesse deslizar manso, nós sentimos, o afaço dormente daquelas aguas e daquelas côres, na nossa inspiração e no nosso sentimento, de embaçadora harmonia.

E o barco, tal qual o tempo, também corria incompreensivelmente por entre os canais das águas.

E a pena do Costa Pinto também, sôbre o papel, corria incompreensivelmente!...

Adiante com o andor:

Por entre pirâmides de sol, a brilharem a luz matutina, como se fôssem as colossais pirâmides, do Egipto, Aveiro despedia de nós num adeus cândido e sincero.

Este adeus do Cândido por entre as pirâmides do sol, dá vontade de rebeitar as meninas dos olhos. Pirâmides de sol, sr. Costa Pinto só temos visto nas toiradas! Reparai, meu senhor, que do alto delas *quarenta* MARIA RITAS vos contemplam!

Agora êste bocadinho pictórico:

Avistamos terra.

Ao longe rutila e saúda-nos, por cima do biombo de pinhais, a igreja alva da Gafanha; mais além o farol, indicando-nos os confins do espaço.

Um farol a indicar os confins do espaço por cima do biombo dos pinhais, deve ser esplêndido para pôr no quarto de banho.

E para terminar, damos o resto da bambochata:

Na nossa frente, os hangares essas imensas guardadas dos devoradores do céu universal, e a nosso lado, a algumas centenas de metros desenha-se nitidamente uma nesga de areia niva que emenda com uma orla verdejante — a Mata.....

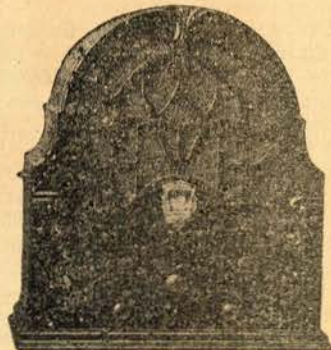
Todos pisamos regaladamente o veludo das areias

Al fulgamos os momentos de maior divertimento em comício de camaradagem...

Aqui o céu universal era nem mais nem menos do que o céu da bôca, onde o veludo das areias nivas ia emendar co'a mata.

Quanto ao comício de camaradagem, foi proibido pela policia de costumes.

RÁDIO TELEFONIA

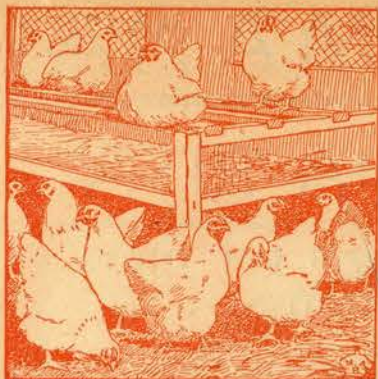


V. Ex.* está comprador de um receptor ou de qualquer accessorio para T. S. F.? Recomendamos-lhe, no seu próprio interesse, não tome qualquer resolução sem visitar a **Casa Forte**, o maior depósito de artigos de Rádio. As primeiras marcas americanas e europeias estão ao dispor de V. Ex.* nos melhores preços do mercado.

RÁDIO PORTO
SÉDE—Rua Sá da Bandeira, 281
FILIAL—Rua Santa Catarina, 20
PORTO — Telefone 4111

ESTRANGEIROS NO PÔRTO

O que eles veem que eles ouvem



Vista panorâmica duma janela de Miragaia

DESENVOLVIDO como está, o turismo, que já no tempo do Marialva era a grande paixão dos lusitanos, atingiu agora na nossa terra o apogeu.

As Comissões de Iniciativa e Propaganda, não se poupando a esforços nem a despesas, atraem os turistas nacionais e estrangeiros, que caem na arola como peixes aliciados pela sabrosa isca.

Desejando contribuir na medida das nossas forças para a propaganda intensiva das nossas belezas, fazemo-nos hoje eco da grande imprensa no tocante ao turismo tripeiro.

Os estrangeiros no Pôrto

No geral, os estrangeiros podem vir ao Pôrto por três vias: marítima, comboiestre, automovilestre e pedestre, que, como o leitor inteligente vê facilmente, dá quatro.

Há também quem venha pelas vias ordinárias em mau estado, simples atalhos, mas isso é lá com os Drs. Oscar Moreno e Carlos Borges...

Do vapor, do combóio, do automóvel ou desapeados das botas, os estrangeiros dirigem-se ao *Escondidinho* do António Joaquim para ficarem sabendo quanto lhes custa comer bem... e barato.

Findo o lauto almoço, os turistas vão dar uma volta pela cidade em automóveis para admirarem as belezas naturais e artificiais, tomando notas e vinho do Pôrto e colhendo fotografias com os seus *Kodaks*, vá lá o reclamo...

No Avenida, depois de admirarem os subterrâneos do *Metro*, ficam estarecidos diante do dourado infanticídio do escultor Henrique Moreira, que o cicerone explica da melhor maneira que sabe com o seu francês do terceiro ano do liceu:

—Voilà, messieurs et dames—ici les fils du Ponce de Lion Pilatos.

Depois de visitarem a Sé, deambulam pelos bairros do Barredo, onde se dão *rendez-vous* às dejeções dos 300 mil habitantes do Pôrto, estiliza-

das em trabalhosas filigranas com finíssimas incrustações de legumes em casca.

Aí tiram um sem número de fotografias para as suas monumentais colecções.

A um alemão do nosso conhecimento, que julgou ter colhido um assunto pitoresco, aconteceu verificar, quando na sua casa de Berlim revelou a chapa, ter colhido outro muitíssimo mais pitoresco ainda, e que ao homem, dado a estudos arqueológicos, deu primitivamente a impressão de um *escriba acocorado* do velho Egipto.

O português sem mestre

Quási todos os estrangeiros que nos visitam se fazem acompanhar de um *Compêndio de Português sem Mestre*, da autorizada lavra de um escritor do nosso conhecimento, que, por não saber nada da língua, é o único que pode abonar o português sem mestre.

Volta-e-meia, vá de folhear o livrinho para ver se lá vem um vocábulo ouvido na rua a uma peixeira.

Ora o caraças!

O bom do estrangeiro, perspicaz, debruça-se sobre as páginas à cata do precioso termo — *caracaças*, e por fim lá encontra; *caracaça*: boi bravo com malhas brancas no focinho. Quando percebe dá uma gargalhada homérica e acha muita graça...

E um dia, escrevendo um livro sobre Portugal, lá conta entusiasmado, referindo a veia cómica da raça, que uma mulher lhe chamou boi!

Uma visita aos museus

Da visita aos museus, o que mais e melhor impressiona os estrangeiros é a estátua do Desterrado do grande Soares dos Reis, que o Senhor Director, que foi em tempos domador de uma *ménagerie*, mandou meter dentro de uma jaula, e a múmia de um antigo senador da República que

puxando-lhe pela língua dávivas à liberdade.

Como não há catálogos nem cicerones adextrados, geralmente os estrangeiros saem dos museus muito chateados e vão depois para o Bar Borges afoagar a chatice em *Port-Wine*.

Monumento aos Mortos da Guerra

Também os turistas costumam ir a Carlos Alberto depor um ramo de flores no Monumento aos Mortos da Guerra, situado quási defronte de outro monumento, o dos mortos de fome, popularmente conhecido por *Caldos de Galinha*, muito apreciado na cidade pela sua especialidade de caldos de frango sem frango nem nada...

Como fica ali à mão, visitam rapidamente o *Café Progresso*, que por ainda aí se jogar o dominó é conhecido pelo *café da idade da pedra...* do dominó.

Os estrangeiros, sobretudo ingleses e alemães, que são dados ao estudo da arqueologia, levam sempre farta documentação sobre os costumes da idade da pedra em Portugal, de que o *Progresso* é ótimo e raro exemplar, e já feem confundido *habitués* da Maia que por ali param com autênticas renas à solta.

As belezas dos arredores

Há arredores lindíssimos, mas os estrangeiros não os visitam por falta de esquecimento dos cicerones.

talvez por isso é que o douto Topsisius já publicou um livro sobre a cidade do Pôrto em que declara perentoriamente que uma das coisas mais notáveis do Burgo é não ter arredores ao redor.

Transcrevemos na íntegra o período do célebre escritor sobre o assunto: *Zeitunge Portugiz parece incrível non habed arredorig. Vem no livro Boche in Portugal — Passadunkem der Irradien.*

Miragaia — Exposição de roupas usadas

Ao mirarem Miragaia, com os casebres em puro estilo de alcoólico inventado (estão todos a cair), os nossos visitantes estarecem de pavor.

Há em tôdas as janelas um verdadeiro Jardim Zoológico, com capoeiras, coelheiras, etc., e até já um inglês abeberado jurou ter visto a uma delas um leopardo a brincar com uma criança como se fôsse um gato de trazer por casa (fala-se aqui do leopardo, já se vê).

Mas, sem dúvida o que mais causa a admiração dos bárbaros que nos visitam, são as exposições de ceroulas, camisas e *caturnos* com que os trogloditas de Miragaia brindam os transeúntes.

Em algumas peças do luxuoso guarda-roupa, são dignos de minuciosa atenção, os finíssimos bordados a que vulgarmente se chama *remendos*, bem como se evidenciam notavelmente, sobretudo nas ceroulas, as impressões digitais das digestões desembaraçadas.

Noite

Quási sempre se pede aos turistas para passarem uma noite no Pôrto:

Como de noite todos os gatos são pardos, é mais fácil impingir aos visitantes que somos um povo civilizado. E se houver algum mais incrédulo, é dar-lhe a palavra de honra... Talvez êle acredite.

Teatros, há, sim senhor, mas estão fechados por causa das músicas: Cinemas, a mesma coisa. Cabarets, clubes, foi chão que deu uvas.

De modo que, para passar a noite alerta, só nos hotéis, de espingarda ao ombro atrás de pulgas, percevejos, ratos e baratas.

De manhã, tomado o café com leite, os estrangeiros retiram-se satisfeitos... por se irem embora, já se vê.

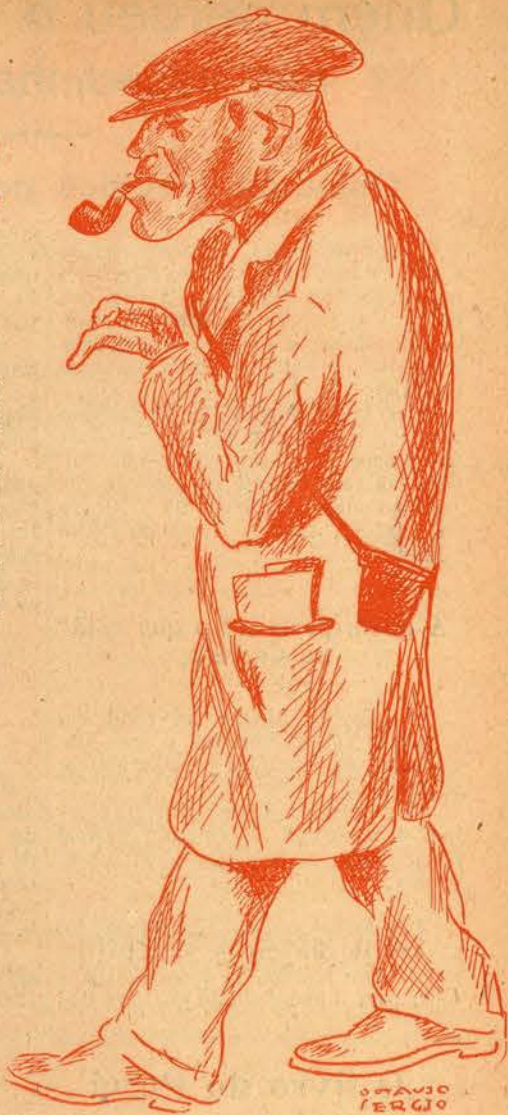
Moralidade

Nesta e outras conformidades, vê o leitor que o Turismo entre nós é um facto... a prestações.

Vai devagar, mas há de ir.

E a verdade é que já não fazemos muito má figura.

Se arrasassemos a cidade, conservando intactos os 25 centímetros da Avenida dos Aliados, nós cau-



Muitíssimo inglês

seríamos inveja a Paris e Londres. Já dizia um dia José de Almada Negreiros, *substantivo impar 1*, artista de talentos vários, à porta da Brasileira do Chiado, em Lisboa: isto é um país em obras: tirados os andaimes é que se há de ver a obra. Porque, há de os leitores, mais ou menos conspícuos, compreender, — só falta ao Pôrto o que lamentavelmente lhe sobeja. Tirado o que não presta, arrastada a parte velha da cidade, nós ficaríamos com a acrópole mais encantadora do globo terrestre. E marcaríamos sem dúvida um grande fenómeno, porque apresentariamos ao mundo uma cidade única, com 25 centímetros de avenida moderna.



Um de turistas

Quem perdeu o que eu achei nas escadinhas do rei?

♦♦♦♦♦

Objectos perdidos nos "Severianos"

Todos os meses o nosso querido e sempre bem amado primo Severiano manda para os periódicos a lista dos objectos que foram encontrados abandonados dentro dos elegantes eléctricos-mistérios que passeiam através das ruas cidadinas.

Este gesto altruísta e magnânimo mostra à puridade as brilhantes facetas que ornaram o benfazejo coração do simpático director-gerente dos eléctricos de risca ao meio nas linhas de S. Pedro de caixão à cova e Ponte da Pedra pomes.

A quem pertence o que está na Carris?

O mês de Agosto foi fértil em achados. Talvez por ser o mês das canículas, os eléctricos produziram em abundância.

Ora vejamos alguns dos objectos que o meticoloso e honrado pessoal levou para os escritórios da Companhia:

Um tacho usado—Certamente foi alguma sopeira que se esqueceu do tacho. Não admira, ia tóda babada a olhar para o manipulo do guarda-freio!

Uma camisa de homem—Coitado, deixou a camisa no eléctrico... Outros há que deixam a camisa e a pele nas repartições.

Dois novelos de algodão—Não seriam os da minha avó?

Uma capa de borracha—Será da Menina Húmida, ou pertencerá aos pilatos de purp... urina?

Um frasco vazio—Todos os meses aparecem frascos vazios dentro dos carros. Mas o que nunca lá apareceu foi uma garrafa cheia de vinho! Ninguém se esquece do sumo da uva!

Um novelo de algodão—Este perdeu só um, e andou com sorte.

O que se não encontrou nos eléctricos

A revisão do processo da Poça das Feiticeiras—A vela do Castiçal da Rotunda da Boavista—O chapéu de palha do Sr. Jacinto de Magalhães—A bola da torre dos Clérigos—O pai dos meninos de purp... urina—Os redactores dos *Écos de Cacia*—As setas do S. Sebastião—A tarracha de S. Jorge—O novo edificio da Câmara Municipal—O taboleiro superior da Ponte Luís 1.º—etc., etc.

Indecisão

O que deverei fazer

Se a taluda, com alarde,

Se lembra de me bater

A' porta, logo de tarde?!...

Compro um auto, coisa fina!

Mas já num tropêço esbarro...

O mau, é a gasolina

Ser mais cara do que o carro!

Pois bem, comprarei um burro.

Mas logo a mente trabalha

Nesta pergunta de esturro

Sabes o preço da palha?!...

Andarei então a pé,

E menos arejo as notas...

Mas a razão diz: «Ólé!

Sabes o preço das botas?!»

Poi bem: andarei descalço,

A' sorte rogando pragas!

Mas, logo surge um percalço...

—Sabes a multa que pagas?!

Andarei de pés no ar

E mãos no chão... Não me comem!

—Pagará's contribuição,

Por fingir de grande homem!...

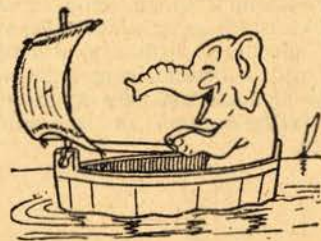
ÉLELÊ.

O livro do Papá



— Que estás a ler, Joãozinho?
— Como se chega a milionário.

Invento



Dizem da Índia que um elefante branco formado em engenharia acaba de inventar um barco à vela que é pôsto em marcha pelos sôpros da sua tromba, com perdão do leitor.

ADEGA REGIONAL DO LAVRADOR
DE

Manuel Moreira Rato

Rua das Fontainhas, 53 e 55

PORTO

Vinhos de consumo, vinhos verdes,
vinhos do Pôrto, Azeites, Vinagres,
:: :: :: Aguardentes, etc. :: :: ::



FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Lisboa interessou-se de-veras pela chegada de uma série de notáveis pretalhões, nossos patriotas. Quando eu era pequeno, cantava-se muito uma cantiga animada, cuja letra dizia: — Vieram quatro pretinhos, todos quatro da Guiné... Como o tempo passa! Ai os temos, crescidos, importantes, e notáveis — os tais quatro pretinhos da Guiné. Trazem filhos e mulheres. Tôda a gente repara muito nelas, que por isso andam «fulas», e os maridos, inquietos, fuzilam-nas com olhares severos; — é cada *soba!*...

Parece que vão construir uma aldeia no Parque Eduardo VII, — o que é muito bom para enfiar definitivamente a Rotunda. O local foi escolhido de propósito, por já ali estar visível o ôlho nu o monumento ao Marquês de Pombal. Um *soba* com quem falei (pelo telefone, porque é mau a gente ver um preto) garantiu-me que não havia em toda a Guiné um tão lindo e imponente manipanso.

E eu acredito.

Eu tenho um tio, por afinidade, que é francês e vive em Marselha. E' parente bastante próximo da família Rostand.

Aqui há tempos, quando êle se reformou de director do Banco que longamente gerira, deram-lhe a *Legião de Honra*.

Ao ser informada dessa notável «distinção», a condessa de Noailles (hoje «commandeur»...) teve esta exclamação de ironia leve, que velhas relações de intimidade justificaram:

«— *Coitado! E a gente a imaginar que êle era um homem sério!*...»

Dou-te, MARIA RITA, — bem indiscretamente!... — uma frase inédita do maior poeta francês contemporâneo. Agradece-me.

Decididamente, na América também há homens de génio. O que êles tem é um génio diferente do nosso. Bom? Mau? Pouco importa: — existe. E' um erro, um grave erro, imaginar que a América só produz campeões de boxe, milionários, e casas de muitos andares para pouca permanência — com porta para o infinito... Nada disso.

Vais ver de que se lembrou um editor. (Editor é um homem que publica, pagando-os, os livros que os outros escrevem; uma originalidade esquisitíssima; uma de tantas coisas que só existem na América).

Lembrou-se, MARIA RITA, desta coisa sublime: — publicar livros perfumados.

Sim. Perfumados! Não com o perfume do génio, da poeira, ou de qualquer outra coisa que simbolicamente exale aroma; com perfume autêntico, daquele que se venderia nas perfumarias se a gente ainda tivesse dinheiro para o comprar...

Vão pois aparecer no mercado livros perfumados! E como um mercado é geralmente uma

coisa fedorenta — mesmo o chamado mercado do livro — esta inovação representa um altíssimo progresso.

Por mim, há muito me canso a dizer que isto dos livros está a precisar de uma grande reforma. Ai a temos. A literatura vai ser revolucionada — pela pena. Tiram-se-lhe pelo nariz os macaquinhos do sôtão. E' magnífico! Os que, para mais à vontade o torcerem, declaram que o nariz não é feição — tem de reconhecer que êle é, pelo menos, uma feição literária...

Que total revolução, quando pegar a moda! Faro será a sucessora de Atenas, a cidade mãe das letras.

Ninguém perguntará: — «De que trata Le Cercle de Famille, do Maurois?» — «Já leste o Proust?» Não. A pituitária será nacionalista porque o aroma pátrio tem mais pêso do que a vista pátria. E perguntaremos: — A que cheira *Debaixo do Cedro* do Ramada Curto? — «Já cheiraste o Brito Camacho?»...

Será uma era nova; sinto a soar a hora do nariz!... Leva-nos decidida vantagem o Aquilino? Será invencível, no jornalismo aromático, o Pereira da Rosa? Serão banidos, como calamidades das mucosas nasais colectivas, os livros do Pimenta? E' provável. Salve-se quem puder. Entre mortos e feridos alguém há-de cheirar...

Cada autor, ao combinar uma edição, escolherá o papel, o tipo, e o aroma.

Porque é que, sentando praça na vanguarda dêste movimento renovador, não fazes tu um inquérito entre os teus leitores, a ver como hão-de perfumar os seus livros os nossos literatos de melhor nomeada? Seria um esplêndido guia para as futuras gerações literárias... E vinha no momento psicológico. Porque o mundo, MARIA RITA, mais não é do que um grande livro aberto, — que cheira a esturro.

Perdo-me ser hoje tão lacónico — e não mergulhar a minha caneta bebedeira num frasco de água de alfazema.

Dispõe sempre do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

ANUNCIOS da MARIA RITA

PERDEU-SE uma frieira crónica do pé esquerdo. Por ser um objecto de grande estimação, gratifica-se bem a pessoa que a entregue neste jornal.

COMPRA-SE uma corneta de barro, para servir de trombeta de caça já no dia 1 de Outubro, à qual há-de assoprar um conhecido caçador desta cidade.

ACHOU-SE uma sombrinha na praia de Leça, com sinais suspeitos. Entrega-se a quem provar pertencer-lhe.

UM SENHOR Vasco Romão Duarte

Que é cada vez mais urgente desenvolver a instrução das nossas colónias, já o leitor sabe de sobejo pela constante leitura dos jornais sérios. O que talvez não saiba precisamente é que há por lá certos brancos piores do que pretos em matéria de civilidade.

Um senhor Vasco Romão Duarte, Caixa Postal 206 — Lourenço Marques (é curta a biografia do Romão), como autêntico preto caiado de branco, porque a Administração dêste semanário, não tendo dado conta das devoluções, continuou a enviar-lho, escreve-nos uma longa carta em estilo bundo onde abunda a bilis extravasada do seu avariadíssimo figado.

O Senhor Vasco Duarte, talvez porque usa o nome do Romão Alquilador, escreve como arreio e insurge-se contra a insistência do envio do nosso jornal, terminando por dizer, em crise de hysterismo assaz comprometedor, que se o tornar a receber o rasga todo aos bocadinhos.

Com rompantes atléticos de cavali-dade escoiceadora, o Senhor Romãozinho não passa afinal de uma menina histórica a quem o Extracto de Ovário regularia por certo satisfatoriamente.

Era de experimentar, no seu caso desesperador, um tratamento intensivo.

O que o Senhor Vasco deveria rasgar aos bocadinhos era o *Manual de Civilidade* para tomá-lo em comprimidos com o auxílio de uma chávena de chá preto de ponta branca.

Vascolejos estomacais de um pobre Vasco em terras de África...

Resposta pronta

*Conhecem o Lourencinho?
Ah! Não conhecem? Nem eu...
E' um grotesco homenzinho,
Um completo camafeu.*

*Tem um metro e dez de altura,
Magro, amarelo, enfezado...
Mas empertiga a estatura,
Qual Adonis disputado.*

*Pois há dias, na Avenida,
Ao passar o Lourencinho,
Uma dama divertida
Apontou-o ao vizinho*

*Com um dedo e disse óspois
(Nos lábios, brejeiros vincos):
— Que pena não serem dois,
P'ra fazer um par de brincos!...*

BISNAU.

P. S. — O resto levaram-no.



Esta glosa, por vir de Angola, só agora é publicada:

Um velho co'um moço vai
Ao encontro do Castilho.
Gorjeou primeiro o filho;
Enfim descobriu-se o pai,
Fitou e disse: — *Má-rai!*...
Pois não me reconheceu?
Não lhe lembra quem sou eu?...
Zebedeu, de Pôrto Covo!...
E este rapaz é o mais novo
Dos filhos de Zebedeu.

(Benguela).

Leão Pardo.

Glosas recebidas... e publicadas com atraso:

Pela minha boa fé
Eu juro: hei-de-te amar
Mas deves agora esperar
Ando a ver se arranjo um pé.
Bem podes querer que é
Oh! Minha adorada Dina,
Vou ver se isto termina
Em qualquer ocasião
Mas assim de pressa não
Pra dar de mão à Faustina.

Livela.

Nem sempre de rosas é
Esta vida p'ra gozar
Não a posso suportar
Ando a ver se arranjo um pé.
Vocês não sabem quem é?
É uma fera, bem fina
Tudo me chupa a ladina
S'tou arrasada, bem cheio;
Vou ver s'encontro um meio
Pra dar de mão à Faustina.

Horrirel.

Eu sou como S. Tomé:
Só se o vir é que acredito;
E, p'ra ver esse delito,
Ando a ver se arranjo um pé;
Se tal vir, farei banze
Como ninguém imagina!
Mas dizer só que é ladino,
Dizer só que é sua amante,
Não é motivo bastante
Pra dar de mão à Faustina.

João da Sé.

Minha sogra é só: rapé,
Capilé, ou chá da China;
Mas não toma uma cardina!...
Ando a ver se arranjo um pé.
P'ra habituar à água-pé,
A' vinhaça, à morfina
E a fingar a cocaína...
Ou, então, levo-a à Guiné,
E conto com um jacaré
Pra dar de mão à Faustina.

Amaral.

Para o mote

*Se tivesses o que eu tenho,
Já não davas o que dás...*

recebemos as seguintes aproveitáveis

GLOSAS:

Tenho jeito pr'ó desenho
E para a caricatura.
Eras feliz, criatura,
Se tivesses o que eu tenho.
Tenho uma barba cerrada,
Uso calça, bem passada.
Sou um perfeito rapaz.
E tenho outra coisa! Enfim...
Se fosses igual a mim
Já não davas o que dás!

Ardotos.

Vives só, no teu cardenho,
Sempre a coçar no nariz,
A pensar que eras feliz;
Se tivesses o que eu tenho;
Para que tens tanto empenho
Em ser rico, meu rapaz,
Se dás tudo o que te apraz!
Se o que dás, o esfalasses,
Se o que ganhas, o ganhasses
Já não davas o que dás...

João da Sé

Eu ando com certo empenho
P'ra te poder convencer
Que não se dá sem se ter.
Se tivesses o que eu tenho
Não precisavas de empenho,
Pois, isso assim não se faz,
Não se pode andar p'ra traz,
Quebraste os dentes à grelha;
Mas se tu fosses mais velha,
Já não davas o que dás.

Tónio.

Entusiasta ferrenho
Do teu corpo de magia,
Nem de ti me lembraria,
Se tivesses o que eu tenho...
Mas assim, não me contento!
Sou novo, valente, audaz,
Revoltam-me as acções más
Que praticas com quem queres...
Ah! Se houvesse só mulheres
Já não davas o que dás...

John Athas.

Que sofrimento tamanho,
É que cólica maldita!
Como andarias aflita,
Se tivesses o que eu tenho!...
Há três dias que retenho
Aquilo que sai por trás;
A purga nada me faz,
A seringa também nada...
Se andasses assim rolhada,
Já não davas o que dás...

John Athas.

Se nisso tens grande empenho,
Sem vergonhas vou mostrar
Que tu, anjo meu sem par,
Se tivesses o que eu tenho,
As funções que eu desempenho,
Sempre fixe e bom rapaz,
Duma tração incapaz,
Por mais que tu te empenhasses,
Por mais que tu te esforçasses,
Já não davas o que dás...

(Penafiel).

Nicles.

Os faustos do meu amanho,
Andas sempre a invejar;
Mas perto irias para...
Se tivesses o que eu tenho.
Não era com o que eu ganho,
Que tu serias capaz
De andar com laçao atrás,
Dar ceias nos restaurantes,
E até mesmo às amantes,
Já não davas o que dás...

(Trancoso).

Zé Barão.

Eu a ti já não convenho
Porque tu já estás assim
O mesmo fúria a mim
Se tivesses o que eu tenho,
São coisas d'alto engenho
Que tudo faz e desfaz
A culpa foi do Tomaz
Que te veio enganar
Pois se quisesse casar
Já não davas o que dás...

Um amigo da "Maria Rita"

Com mor ou menos empenho,
Confessa, boa Maria,
Que outra era a tua folia
Se tivesses o que eu tenho.
Mas se tivesses, convenho,
E tu também convirás,
Que já não eras capaz
De nos dar o que não tinhas,
Nunca mais nos entrelinhas,
Já não davas o que dás...

Júpiter.

É coisa que não estranho
O não ter nada de meu
A sorte nada me deu
Se tivesses o que eu tenho...
A mim próprio me arranho
Corre-me tudo p'ra trás
Eu só tenho coisas más,
Se vivesses tão peneira
Assim, sem eira nem beira,
Já não davas o que dás.

Horrirel.

Julietta, tens empenho
Em seres tal qual o Romeu...
Podias ser como eu,
Se tivesses o que eu tenho.
Um dia virá o engenho
Que te fora um rapaz,
Mas olha que isto traz
Para ti grande arreia
Pois que, a partir d'esse dia
Já não davas o que dás.

Lizé.

Para ti outra vez venho
Implorar meu perdão,
Dar-me-ás teu coração
Se tivesses o que eu tenho?
Dar-te-ei o que sustenho,
Aquilo em que as línguas más
Dizem que eu sou um bom caz;
E se já há muito o quisesse
Talvez agora o não desesse,
Já não davas o que dás...

(Da estratosfera).

Picard

Tornar publico aqui venho
O que tu andas a dar;
Tinhas muito onde apontar
Se tivesses o que eu tenho.
Esse pequeno engenho
Em que a gente se apraz,
É bom que aprendendo vás,
Carre e vai por todo o mundo;
Se fosses dela oriundo,
Já não davas o que dás.

(Aceiro).

Zé Maria.

(Ver a continuação das Glosas na página 15).

CONCURSO DE GLOSAS

A este concurso presidirá um júri composto pelos seguintes senhores, e distintíssimos poetas:

Marcial Jordão
Dr. Narciso de Azevedo
Dr. Knox

três amigos de uma independência absoluta e incorruptíveis.

Bases

1.^a — Para que a glosa seja sujeita a concurso é necessário:

- a — que tenha dez versos
- b — que rime forte
- c — que tenha peso e medida
- d — que seja publicada.

2.^a — Aquela que fôr escolhida pelo júri será publicada novamente no número seguinte, e o nome do seu autor passará ao *Quadro Negro*.

3.^a — O concorrente que fôr escolhido três vezes durante dez números, terá direito a uma *assinatura grátis anual da MARIA RITA*, ou a um despertador de precisão e necessidade.

4.^a — O concorrente que no mesmo período fôr duas vezes ao *Quadro Negro* terá direito a uma *assinatura grátis semestral da MARIA RITA*, ou a uma caixa de bolachas Maria cuja.

5.^a — O concorrente que no mesmo tempo subir uma vez ao poleiro, uma *assinatura grátis trimestral da MARIA RITA*, ou a uma regueifa de Valongo.

6.^a — O *quadro* inserirá sempre, durante o concurso, todos os nomes premiados com a indicação das vezes que o fôram (1, 2 ou 3).

Vamos portanto a isto, que o mote de hoje já vale.

Quem é?

Anafado. Um guarda chuva.
Espôsa e filhos. Um Banco.
Sarcey. Comércio. Teatros.
Pensa, diz e escreve. E' franco.

Bebendo pólvora às vezes.
Outras vezes, chá de tília.
Religioso: E' dos Santos,
Porque isso vem da família...

(Esmoriz).

XICO.

Anexim

Corcunda do corpo e alma,
O Licopódio Barroso
Quer levar aos mais a palma,
Ser elegante e bondoso.

Mas a bondade é fugace
Como a corcunda imperfeita,
Que afinal "....."
....."p" (?)

ZEQUINHA.

Decifrações do número anterior: *Quem é?*
—Erico Braga. *Anexim* — «O que o berço dá a tumba o tira».

Matadores: Satiêr ed Milled, Reirobi, Campeão, Rei Preto, Cardial Gonzaga, Leão 1.º, Xisto, Xabregas, Pulcrozinho.

A' Ultima Hora

A MARIA RITA também aceitou o repto do Nicolau e vai à procura dos 10 contos.

Já que o Fernandes da Silva não quer voltar a emprestar a bomba, a MARIA RITA mandou, propositadamente, vir uma do Brasil para levar consigo.

Falta-lhe apenas, para iniciar a «volta», um carro de apoio, o dinheiro para a inscrição e uma bicicleta. De resto, tem tudo.

Como o corredor africanista, a MARIA RITA, também não quer paragens obrigadas, nem Zonas de qualquer espécie.

Venha o «raid.» Vamos para o Raid...

PROFESSOR

Precisa-se que saiba ensinar a andar de bicicleta, de-pressa, bem, e capaz de bater no Nicolau. Carta à MARIA RITA.

Platão Pinheiro da Costa

Tão grande sucesso alcançaram os profundos pensamentos, da mais alta transcendência filosófica, que o nosso eminente amigo Platão da Costa deu à luz no último número da simpática MARIA RITA, que julgamos da nossa obrigação continuar exarando nas colunas deste semanário mais algumas lucubrações ultra-geniais, saídas do cérebro do famigerado sábio.

Pensamentos atrevidos e futuristas

— «Não há dinheiro que pague a honra duma mulher». Dizia-se isto há trinta ou quarenta anos. Agora, as coisas mudaram e todos sabem o preço: quarenta contos, o máximo.

— Quando comprares alguma coisa para o filho da tua mulher, lembra-te sempre dos filhos da tua amante, que também são teus, embora se não pareçam tanto contigo como o outro se parece com o alferes que vai lá a casa.

— Deixa-te de tretas, meu velho! Se tu tivesses a certeza de nunca seres descoberto, eras o maior de todos os gatunos.

— Julgas-te muito rico. Enganas-te. Todo o dinheiro que possues não chega para comprares o que te falta: — vergonha e carácter.

Aspectos

A dama fina antiga recatava
Seu colo, modelar de formosura...
Não era dado ver a sua alvura
Porque o vestido aos olhos o vedava...

Vi ontem a moderna, em moda escrava,
Que desnudava a sua pele escura
D'um corpo que era a ausência da gordura,
Qual cabide, o vestido segurava...

Eu quero adivinhar o encoberto
Do corpo branco e puro da mulher
N'um vestido a rigor sem ser aberto...

Mas, uma magra, e escura, é de temer
Mostrar o colo seu... Que desconcerto!...
Jámais quando não há nada que ver!...

Alfredo Cunha (RAZA).

— E' certo que, se tivesses essas duas qualidades, também nunca podias possuir a fortuna que tens...

— Dizes que és muito sério. Talvez. Mas diz-me uma coisa: se fosses mulher, quantos pais teriam os teus filhos?

— Emprega sempre a tua palavra de honra. Não custa nada, e fica-se logo a saber que és um patife.

— Sabes a diferenca que existe entre um livre-pensador e um católico? O livre-pensador é católico em casa e ateu na rua.

E o crente, é católico na rua e livre-pensador em casa.

A ingratidão é o abraço dos patifes, assim como a gratidão é o coice dos sinceros e o respeito a cobardia dos parvos.

Nunca te importes com o que a Sociedade possa dizer de ti. Bem sabes que as mulheres perdidas, quando se sentem desprezadas, provocam, insultam e caluniam.

Pela cópia

(a) LEIDOAR.

Anima vitae vinum est

Ia a festa em radiosa animação
E garbosa, soberba, resplendente,
Lançava a baronesa p'lo salão
O seu ativo olhar magnificente.

Recebia, com rara distinção,
A homenagem de tão illustre gente.
Seu colo ebúrneo, em vasta profusão,
Expunha jóias dum valor ingente!

E eis que desaparece a baronesa!!!
Vão todos procurá-la com presteza
Pelos salões de sêdas de Damasco!

E, quando o desespero se avizinha,
Alguém vai encontrá-la na cosinha,
Bebendo uma caneca de verdasco...

J. I. Loureiro do AMARAL.

O QUE FOI

a

Semana da Foz

A MARIA RITA no seu papel de investigador intrépida dos factos citadinos, mandou no pretérito Domingo um seu enviado para a linda praia da Foz, com o único intuito de recolher e dar a conhecer aos seus leitores, os melhores aspectos das grandiosíssimas festas que se denominaram.

Semana da Foz

O que era esta semana, de oito dias como tôdas, já os nossos amigos estão fartos de saber pelos jornais diários. Limitamo-nos portanto, a dar-lhe a conhecer o que foi essa memorável tirada que há-de ficar nos anais da grande praia internacional gravada na areia loira.

Aí ficam as impressões:

Domingo, 18 — Descantes pelo Rancho de Vila do Conde — Neblina.

Segunda-feira, 19 — Continuação do nevoeiro de manhã. A tarde, chuviscos e uns trovõesinhos.

Terça-feira, 20 — Chuva grossa desde o nascer do sol. Banhos às crianças da Sé e S. Nicolau. A's quatro da tarde a trovoadá percorre as ruas da praia.

Quarta-feira, 21 — Depois dos banhos às crianças de Santo Ildefonso, uma

amostra de dilúvio em ponto grande, com trovões à mistura.

Quinta-feira, 22 — Sessão no Cinema da Foz, com uma conferência Sôbre as Festas pelo ilustre orador sagrado sr. Carneiro de Melo. Chuva miúda com intervalos de grossa.

Sexta-feira, 23 — Abertura solene dos banhos com o côro do «Teodoro vais ao sonoro?» Pelas crianças da Sé, de S. Nicolau e Santo Ildefonso. Chuva e granizo por uma há velha.

Sábado, 24 — Fim da semana das Festas. Chove ainda e sempre.

N. B. — Este programa pode ser alterado por qualquer tempo imprevisito.

Notícias dos jornais diários:

A Semana da Foz

Decorrem no meio do maior entusiasmo as festas que a comissão das mesmas levou a efeito êste ano. De todos os pontos do país teem acudido forasteiros. As companhias de navegação organizaram vapores-mistérios, para trazerem os viajantes até à risonha e bela Foz.

O próprio céu se fez representar pela «Maria das Pernas Compridas» e contribuiu com os relâmpagos para abrilhantar as festas.

Terras da nossa terra

Notícias de Penafiel, por quem n'as viu e sentiu

ECOS DA TOURADA

Nos programas da tourada lia-se:

.....
Manuel Bienvenida — o vencedor da tauromaquia.

Manuel Bienvenida — o dominador dos touros e do público.

.....
Concordamos em absoluto que seja o vencedor da tauro... maquia, porque veio ganhar uns vinte contitos; agora que seja dominador do público como o é dos touros, isso vírgula...

Ao fazer-se uma pega de cara, um

aficionado rompe em altos gritos dizendo: Cuidado que o touro traz alguma coisa virada para a frente.

E na verdade, se não fôsse êste aviso, o burrico ficaria algo avariado pois o touro trazia uma bandarilha mal colocada.

Na última corrida de touros, e ao sair, uma pergunta de um que não assistiu a um que lá esteve:

— Muita gente?

— Muita... Touros, oito pelo menos... pelo menos!

Concurso — Vai ser pôsto a concurso o fornecimento de papel higiênico para as W. C. das repartições e Câmara.

O fornecedor será obrigado a ter sempre o local *bem* guarnecido. Por cada falta, devido a reclamação de qualquer cliente, pagará a multa de 100 escudos.

Mario RITO.

Posta restante

Amarantino — O seu — *Quem é* — já foi focado na MARIA RITA por duas vezes. E' só por essa razão que não será publicado. Mande sempre.

Mario Rito — Penafiel — A sua carta vinha longa. Interessante, sim, mas para um restrito público. Aproveitamos as coisas de humorismo geral. Desculpe e pode mandar a *Serpe*, se é que ela interessa à gente do conelho e pode ter carácter humorístico.

Zê do Norte — Que é feito de vossa senhoria? Vamos começar o concurso de glosas no próximo número e não podemos prescindir do seu nome. Parece que depois que partiu para a Curia, não precisa mais de desopilar o fígado.

Publicamos as 3 quadras abaixo dum nosso assíduo glosador, porque teem graça e estão bem feitas.

R. I. P.

A' saúdosa memória do «Duelo»

Morreste, pobre «Duelo!»...
Que triste sorte tiveste...
Caíste sob o cutelo,
Nem o triste pio deste.

Má sina a tua, coitado...
O' musas, vós não choreis,
Depois de morto, enterrado
No cestinho dos papéis.

A pena de quem escreve
Não encontrou outra rima:
«Que a terra te seja leve»
E a Serra da Estrela em cima!

Delfim de FREITAS.

Como vê, nosso caro amigo, teve melhor sorte o epítáfio do que o querido morto.

José Rosado — Se soubesse como eu me lembro!... E com que saudades!...

Ditosos tempos em que a gente julga que o público nos abre os braços despejando nos nossos o conteúdo dos bolsos.

Mentira, tudo mentira. Mas a palavra de Artimanha não voltará atrás. E se um dia... Compreendi!... Obrigado por tudo, nosso amigo.

João da Sé — O Registro, para além do casamento, é quasi desnecessário. Se bem que os poucos metros que o separam da MARIA RITA tenham sido sumidouro de obras primas.

Mande entregar por mão própria, e verá que não faltarão mais.

Vamos para o concurso, não é assim?...

Passagem de uma carta



«Querida Espôsa:

«Por aqui tudo bem. Os pequenos andaram na escola nocturna, mas ficaram sem saber ler porque o professor não tem dinheiro para comprar petróleo e diz que a escola só pode funcionar de noite...»

(Continuado da página 15)

Todo o meu maior empenho,
E' fazer-te bem feliz!...
Não eras tão infeliz,
Se tivesses o que eu tenho:
A educação... Assim venho,
De pedir-te a boa paz...
Mas, contigo não se faz!...
Se não fosses pois assim:
A descompostura, a mim!
Já não dadas o que dás...

Alfredo Cunha.

A's vezes nem me contento,
Fico da cor do jasmim,
E tu farias assim,
Se tivesses o que eu tenho,
Com as mãos m'entretenho,
Não fazendo coisas más,
Porque sou um bom rapaz:
E tu que és miú ladina,
Se te não fizesse ilna,
Já não dadas o que dás...

Delfim de Freitas.

Quando vais, já de lá venho,
Lá diz o velho rifão,
Não olhavas o Balão...
Se tivesses o que eu tenho,
Só com arte e muito engenho
A vida conhecerás!
E tu depois me dirás,
O que é o mundo e amigos...
Se conhecesses os perigos
Já não dadas o que dás.

Octávia Maria.

Pra protestar aqui venho,
Na esperança de ser ouvido,
Julgar-te-ias perdido,
Se tivesses o que eu tenho.
A mim não me falta engenho
Nem coragem, mas não vás
Supor que fico p'ra trás,
Como qualquer mafarrico,
Pois se não fosses tão rico,
Já não dadas o que dás...

Rei Louro.

Eu para aqui não venho,
Fazer nenhum alarido,
De ser's tu o preferido...
Se tivesses o que eu tenho,
Não tinhas nenhum empenho,
De namorares a do Braz...
De mais ela é bem capaz
De que fazer-te «andarilho»!
Meteste-te num sarilho!
Já não dadas o que dás...

H. R.

Por tudo aqui eu venho
Pra fazer-te compreender
Que é preciso saber viver!...
Se tivesses o que eu tenho,
Desistias do empenho...
Porque isto sempre o que traz,
E' logo empenho atrás...
O presente desta tarde,
E' uma amarga verdade!
Já não dadas o que dás!...
(Portalegre).

Herr Ritófilo.

Aquela com quem eu venho
A's vezes, lá do Café,
Disse a um «papinho» da Sê:
Se tivesses o que eu tenho,
Meu maroto, meu roufeno,
O que fazias, rapaz!
Responde lá, se es capaz!...
O que mais tens o «garganta»...
Se pudesses sacripanta!
Já não dadas o que dás...
(Gaia).

Sepol.

A «glosar» me entretenho,
Mas este mote é o diabo!
Custa-me a estolar-lhe o ríto!...
Se tivesses o que eu tenho?
Tinha nisso muito empenho!
Se o que tens é vista audaz,
P'ra pôr, aqui, o «Aqui jaz»
A esta glosa embirrenta...
Que sem ajuda, ou «pimenta»,
Já não dadas o que dás...

Amaral.

Não andavas com empenho,
Escuta, Mariazinha,
Em te casar's de pressinha,
Se tivesses o que eu tenho!...
E isto é que vai o ganho,
O triunfo do rapaz,
Que muitas conquistas faz!
Se como mulher, soubesses
O que quasi sempre esqueces,
Já não dadas o que dás.

(Seia).

Agá Larbac.

Mote a concurso para o próximo número:

Vou casar com minha sogra
Pra ser avô dos meus filhos...

A Praia do Moledo do Minho

e os falsos

testemunhos levantados

O que é o "Toledo do Minho,"

Moledo do Minho é aquela risonha praia do Norte que fica entalada entre as Vilas de Ancora e Caminha. Esquecida ficou-se embevecida entre o seu mar, só dela, e o Pinhal de Camarido, que ela respeita e conserva como um homem de respeito conserva e faz respeitar as suas barbas.

Não tem, como Espinho, ou Miramar ou Estoril, nenhum adjectivo que dê nome às suas costas. Foi por isso, talvez, que a fina flor dos nudistas portugueses lhe foi dar com as suas costas o nome às costas dela.

Moledo do Minho é hoje a *praia das costas ao léu*.

O Toledo do Minho

Começou como começam todos os toledos.

Primeiro, os rapazes foram para a praia sem chapéu.

Depois, foram as raparigas que, já não tendo nada na cabeça que tirar, foram para a beira-mar sem meias.

Os rapazes de Moledo, sabendo isto, éles que não gostam de ficar por baixo, resolveram-se a tirar além das meias, as calças à bôca de sino.

E assim sucessivamente, foram tirando de tal forma a indumentária que chegaram ao primitivo estado do Adão, da Eva e do M. G. Macedo, que já há anos andava lá por trás das rochas às escondidas dêle mesmo.

Entra Caminha em acção

Foi então que apareceu em tôda a parte o edital seguinte:

Eu, Fulano de tal, considerando que o nu é deshonesto quando pregado em público, proíbo terminantemente os trajas impúberes e peço às senhoras que se vistam e aos rapazes que se deixem de iodar.

Quem quiser fazer exposição de corpos ao natural, que venha para Caminha.

E' claro que êste edital provocou uma forte reacção nos membros da colónia nudista. Houve menina que pensou em ir demonstrar que os raios do sol inda a não tinham penetrado convenientemente, e menino que esteve disposto a proclamar o nu como uma necessidade imperiosa para o rejuvenescimento da alma.

Como se pratica o nudismo em Toledo do Minho

Da maneira mais simples e mais eficaz. Nessa linda praia, passa-se com frequência por cima da diferença que

existe entre o homem e a mulher. E por isso a confraternização dos dois sexos é natural e *chic*. Não é certo que na Alemanha há campos de cultura para esta manifestação da natureza? Que admira, pois, que ao Norte de Portugal vegetem à borda do mar e entre os pinheiros três dúzias de fantoches mascarados de homens primitivos?... Nada!

Quem tem a culpa?: os alfaiates. Tôda a gente diz que a crise internacional é de vergonha! Pois estes primitivos seres que brincam nas bordas do Atlântico não teem vergonha nenhuma. Acabou-se a crise portanto. São uns beneméritos estes tipos.

Uma deputação de Nudistas procura a MARIA RITA

Ontem de manhã, appareceu na nossa redacção uma deputação de nudistas que trazia como lema o seguinte cartaz:

«A vergonha não é no corpo, é na cara.»

Escusado será dizer que traziam óculos amarelos e os dentes por lavar. Desta forma eram irreconhecíveis porque o fato faz o homem e o vestido a mulher, e nem uns nem outros traziam dêstes apêndices.

Vinham protestar contra a arbitrariedade cometida e pediam à MARIA RITA que se interessasse por éles.

Prometemos, e em seguida fomos beijados superficial e interiormente por todos os da comitiva.

O que a MARIA RITA vai pedir, se Deus quiser

MARIA RITA, mulher do Pôrto, barbuda e digna, que nunca mostrou a ninguém os atilhos das suas calças de chita às riscas, vem perante V. Ex.^a rogar o altíssimo favor de mandar despír novamente os depilados habitantes das rochas de Moledo. Filia êste pedido, na certeza da impossibilidade dos futuros beneficiados perante as questões de senso; desde o senso comum até ao censo da população nacional.

CARTAZ DE HOJE

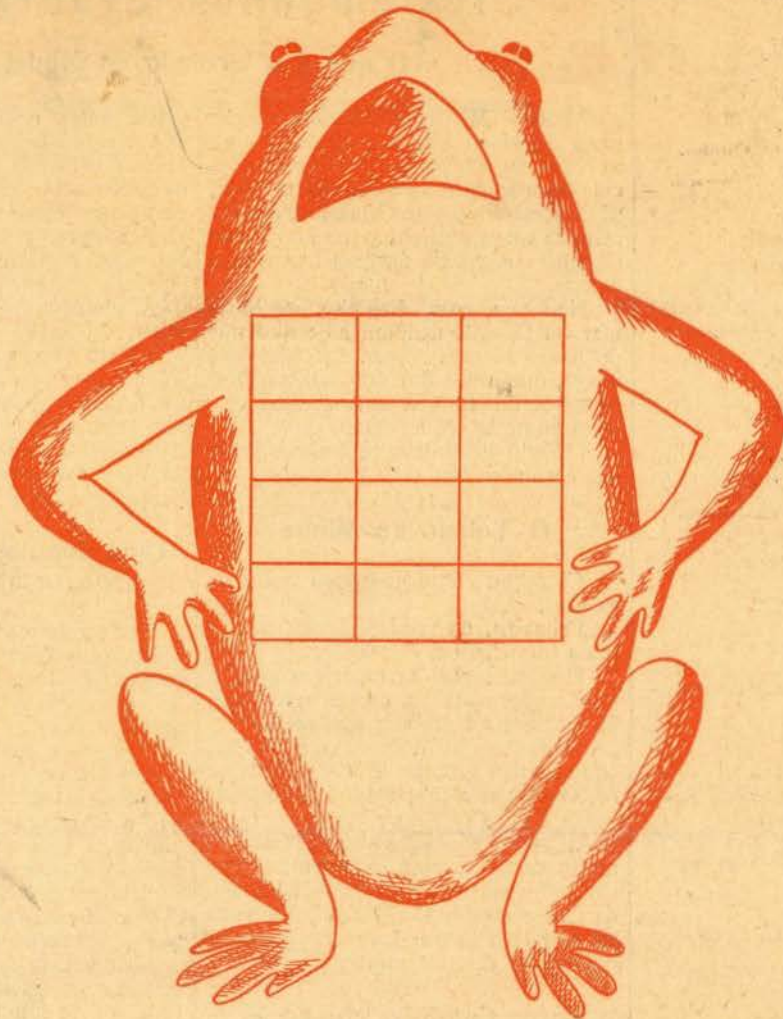
S. João: Ainda não encerrou as suas doiradas portas para obras.

Olimpia: A linda opereta em francês, Nos lábios... não!

Passos Manuel: Cinema sonoro.

Batalha: A notável opereta O Tenente do Amor e a comédia Guloseimas.

Concurso do SAPO



Plano geral dêste Concurso

Como veem o **Jôgo do Sapo** é, nem mais nem menos, do que essa gravura com doze casas brancas.

Em seis dessas casas, e conforme um esquema descritiva que ficará guardado num envelope lacrado e exposto na Agência de Publicações, da Praça da Liberdade, estarão marcados os seguintes números:

Em uma casa	—	1.000
> outra	—	500
> >	—	300
> >	—	100
> >	—	70
> >	—	30
		<hr/>
		2.000

O que prefaz um total de 2.000 pontos.

O concorrente dispõe de seis patelas, que atirará à sua vontade para as casas em branco, não podendo em caso algum atirar duas ou mais patelas para a mesma casa.

E' claro que terá que nos remeter o esquema do **Jôgo do Sapo**, com as patelas marcadas por um círculo nas casas que entender até à quinta feira seguinte.

O Jôgo será por partidas semanais, e serão distribuídos os seguintes prêmios também semanalmente:

1 prêmio de 500 escudos ao concorrente que totalizar 2.000 pontos.

2 prêmios de 100 escudos aos concorrentes que totalizarem 1.500 pontos.

30 prêmios de 10 escudos representados por livros de igual valor aos concorrentes que totalizarem 1.000 pontos.

Na sexta feira seguinte será aberto o envelope,

e a MARIA RITA de sábado trará o esquema da partida com as casas onde estavam as patelas para que os concorrentes da provincia possam estabelecer o respectivo controle.

O JOGO DO SAPO é

Honesto — porque é feito pela MARIA RITA.

Divertido — porque entretém e experimenta a sorte de cada um.

Simples — porque o **Jôgo do Sapo** tôda a gente o conhece, e os que o não conhecem, até se envergonham de o dizer.

Lucrativo — porque distribue:

1.000 esc. de prêmios semanais

Vamos ao SAPO meus senhores

Visado pela Comissão de Censura